

ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE

Política de Ciência e Tecnologia e Formação do Pesquisador em Educação

Maceió/AL 2007

GT – Educação Popular

CRIATIVIDADE EM EDUCAÇÃO POPULAR

Agostinho da Silva ROSAS – UPE/ESEF

Orientador: José Francisco de Melo Neto - UFPB

Introdução

Da Pré-História à contemporaneidade o homem conviveu e convive com a diversidade de problemas e a necessidade de envolver-se elaborando soluções, muitas das vezes de maneira criativa.

Vários têm sido os estudos que apontam um olhar explicativo sobre processo criativo e ações pedagógicas no cenário da educação formal e informal. No Brasil, nos anos 80 e, com maior intensidade na última década do século XX, Alencar e Virgolim (1994) reuniram onze experiências bem sucedidas sobre expressão e desenvolvimento da criatividade, fazendo referência à educação. Nesta época, outros trabalhos são elaborados envolvendo arte, propaganda, ciência, no Brasil e fora dele. Mais recentes são, no entanto, aqueles que se direcionam às novas tecnologias e a indústria do entretenimento com jogos informatizados e criatividade.

O conceito de criatividade, contudo, vai sendo significado e re-significado aproximando-se de relações constituídas sob as maneiras de processo e produto criativos como expressão da capacidade humana. Aos poucos, criatividade passa a ser compreendida como condição humana. Adquire visibilidade no interior das relações que homens e mulheres estabelecem consigo, com outros homens e mulheres e com o mundo.

De início, criatividade foi termo associado ao sobrenatural, ao domínio da fé em Deus que, através dos homens, expressava-se criativo. O homem, neste sentido, seria dotado de um “dom” que o diferenciaria dos demais homens, na medida em que se encontrava entre os escolhidos por Deus para desempenhar o papel divino. Noutra direção, numa época em que se associava criatividade a traços de loucura, verificava-se tendência em explicar a ação criativa como consequência de um estado patológico da estrutura emocional humana.

No entanto, será com as últimas décadas do século XX que os estudos sobre

criatividade, sobre ação criativa vão se expandir. Entre os psicólogos, destacam-se os que procuraram associar criatividade à capacidade inteligência humana ou, noutra direção aos que se dedicaram à identificar características de personalidade de pessoas criativas, à superdotação (gênio/talento/aptidão) ou, aos elementos de inibição da criatividade. Sociólogos interessados em explicar a origem da criação e demanda coletiva, terminaram por contribuir apresentando argumentos que vão colocar em debate as técnicas de estimulação favoráveis à expressão de ações criativas. Neste sentido, a educação assume papel de relevância na medida em que delimita seu campo de estudo associando tanto argumentos da psicologia quanto da sociologia que pretendam teorizar acerca de criatividade, de ação criativa.

Este aspecto é de interesse específico ao estudo em causa, na medida em que se assume a hipótese de que os conceitos desenvolvidos pelas ciências humanas e sociais não dão conta da semântica que envolve criatividade em educação popular. Por conseguinte não será qualquer forma de produção ou produto criativo que atenderá ao contexto da educação quando delimitada sob as características da educação popular.

Neste sentido, com este estudo, pretende-se interpretar o fenômeno criatividade, destacando a relação criar/recriar como constituintes na educação popular. Associa-se, assim aos esforços de investigação e teorização sobre criatividade sem, contudo, perder sua especificidade didática com a qual se vai estabelecer unidade epistemológica em educação popular. Para tanto se tomou como referência as categorias pluralidade, transcendência, criticidade, consequência e temporalidade, extraídas da obra *Educação Como Prática da Liberdade*, Freire (1967), com as quais se pretendeu analisar o conceito de Educação Popular ora posto:

Educação popular é um fenômeno de produção e apropriação dos produtos culturais, expresso por um sistema aberto de ensino e aprendizagem, constituída de uma teoria de conhecimento referenciada na realidade, com metodologias incentivadoras à participação e ao empoderamento das pessoas, com conteúdos e técnicas de avaliação processual, permeada de uma base política e cultural estimuladora das transformações sociais e, orientada por anseios humanos de liberdade, justiça, igualdade e felicidade.

Criar e recriar em Paulo Freire

Expressando preocupação com o contexto educacional brasileiro, a obra de Paulo Freire atribui evidências da importância que criatividade exerceu em seu pensar e agir educacional. Antes mesmo de delimitar o significado de criatividade, Freire (1967), em

Educação Como Prática da Liberdade, se posicionava definindo homem como ‘ser de relações e não só de contatos’, que não estando apenas no mundo interage com ele. Criatividade, neste contexto, deve ser assumida como vocação ontológica humana. Como tal, exige não apenas a participação do homem/mulher nas relações que estabelecem, mas impõe a condição de homem/mulher-sujeito na e com a criação/recriação. Supera, assim, a condição de pessoa-fora de si e do mundo. Diferente, assume a permanente presença ativa, consciente, autêntica de homem, de mulher em libertação.

Com isto, Paulo Freire vai desenvolver sua compreensão de educação como instrumento necessário ao processo de libertação humana. Criatividade vai se constituir em tema que perpassa por sua obra expressando-se como característica humana, fundante, ao estado de transcendência libertadora. Transcendência que se afirma no existir de cada um(a) ao perceber-se em sua inconclusão.

Para Freire (1967), a criatividade reside na condição humana de pensar e agir criticamente; de refletir para tomar decisões conscientes e comprometidas com outros, com as relações que constroem com o mundo e de onde capta os elementos de sua existência. Sem perder de vista a dimensão razão, propõe que afetividade seja mediadora às decisões que homens e mulheres tomam, justamente por entender que a capacidade humana de amar seja essencial às relações que constroem. Amorosidade vai constituir-se em vocação ontológica condicionadora da ação criativa.

É neste cenário, aqui, que se coloca a discussão sobre criatividade, mais especificamente, sobre ação criativa em educação popular. A ação criativa em educação popular vai diferencia-se de outras práticas educativas, na medida em que se assuma criatividade como consequência radical¹ à condição humana.

Estes princípios, identificados por Freire (1967) quando se referia à educação de adultos, remetem-nos à aceitação como referencial para análise de criatividade como constitutivo da educação popular.

Criatividade e as primeiras idéias de Paulo Freire em educação

Paulo Freire (1967) aponta as conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade como fontes de explicação argumentativa do processo de libertação humana. Por extensão, o processo de descoberta, que revela a ação de

¹ Ver Paulo Freire (1967, 50).

criar e recriar, pode ser explicado através destas mesmas conotações.

Antes, contudo, referente ao termo descoberta como expressão da ação criativa, Wechsler (1993), fundamentada na teoria do intelecto de Guilford, afirmar que é pela operação cognitiva, pensamento divergente que as descobertas criativas são proporcionadas. Em sua opinião, a produção divergente leva à “formulação de alternativas variadas a partir da informação dada, procura diferentes soluções para o problema” (op.cit., 12). Com isto, associa criatividade à solução de problemas como respostas e alternativas diferentes para um mesmo problema. Gardner (1996), também se referindo à produção divergente, a identifica como estrutura mental favorável ao processo criativo.

Para Freire (1967), este aspecto vai se tornar fundamental à execução prática do processo de alfabetização de adultos. Todo o ambiente da educação popular envolvendo os jovens e adultos a partir do sistema de alfabetização desenhado por Freire, desde suas experiências com os ‘círculos de cultura’, vão ser influenciados pelo incentivo à diversidade. Antes mesmo de apropriar-se da palavra, os sujeitos(as) em alfabetização são orientados pela ‘leituramundo’, pela apropriação dos elementos de cultura², diferenciados dos provenientes da natureza.

Contrariamente, a esta perspectiva, a produção convergente permite a descoberta de respostas pré-definidas, como comenta Gardner (1996, 19): “pelas medidas padrão, considera-se que as pessoas inteligentes são convergentes – pessoas que, a partir de certos dados ou de um problema difícil, conseguem chegar à resposta certa”. Através do pensamento convergente, homens e mulheres são conduzidos à descoberta de uma única resposta previamente determinada. Resposta esta que não leva à ação criativa.

Os propósitos de uma educação regida pela intensidade/determinação do pensar convergente, mesmo que estimulando práticas de aprendizagem pela resolução de problemas, trata-se de uma prerrogativa de modelos educacionais orientados pela prática pedagógica conservadora. Uma educação que se distancia da práxis libertadora e democrática; uma forma de educação que traduz a expressão da educação bancária³.

Aprendizagem, neste sentido, sob o incentivo da descoberta de respostas universalmente certas decorre da capacidade humana de inteligência e, de certa maneira, encerra-se nela mesma. Distancia-se do contexto e das relações que homens e mulheres, em libertação, captam e são protagonistas. Torna homens e mulheres em ‘coisa adestrada’. Visto

² Ver Álvaro Vieira Pinto (1969 – Teoria da Cultura).

³ *Educação bancária* é termo utilizado por Paulo Freire (1987) para referir-se aos modelos de educação conservadores, tradicionais em sua estrutura e estética.

que, preservando a intenção da resposta certa, única possível, caminha na direção do que Freire (1967) chamou de “domesticação” do ser humano. Diferentemente de uma práxis libertadora, a educação bancária provoca a estagnação social. Diante do anunciado pela história política-econômica mundial, que acena na direção de alternativas para a solução de problemas emergentes, a educação bancária, fixa o tempo da aprendizagem ao tempo previsto para a resolução do problema, identificando as velhas soluções, como extrato da nova aprendizagem. Impede o desenrolar da transformação social, em seu lugar massifica as soluções convergindo para a manutenção do contexto da aprendizagem.

Noutra direção, homens e mulheres envolvem-se num processo criativo pela leitura da “palavramundo” e da “palavra-ação” como expressões de seu próprio “quefazer” social, ético, estético, político, cultural⁴. Tomam consciência de que ao aprender produzem cultura, estruturam valores políticos, educacionais, psicológicos, sociais ao mesmo tempo em que sofrem influência desta mesma produção. De um lado, convivendo numa e com uma sociedade que estimule o pensar divergente, supõe-se estimular, também, o desempenho criativo. De outra maneira, sendo esta sociedade repressora, a expressão da ação criativa tende a distanciar-se da práxis libertadora em que homens e mulheres se associam numa ação revolucionária pela transformação social.

Na medida em que se relacionam estabelecem contatos com desafios que captam do mundo⁵ e que orientam sua ação. Nesta direção, Paulo Freire vai referir-se à **pluralidade** como conotação que exige respeito à diversidade histórica, cultural dos sujeitos em relação. Os desafios captados nas relações, assim posto, expressam uma pluralidade na sua singularidade. Tanto consagram elementos comuns aos homens e mulheres, como são expressos sob a singularidade que caracteriza a especificidade histórica e cultural de cada um e uma.

O processo criativo orientado pelo reconhecimento da **pluralidade** humana e dos desafios que captam e criam/recriam, estão condicionados pelo “jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se” (FREIRE, 1967, 40) na trajetória de seu agir e pensar.

⁴ Apesar do termo ‘cultura’ ser indicado por Paulo Freire a partir de Erich Kahler (*Historia Universal del Hombre*), Álvaro Vieira Pinto (1969) vai delimitar ‘cultura’ com significado que pode expressar as idéias que Paulo Freire efetivou ainda quando nos Círculos de Cultura, no MCP. Diz-nos Álvaro Vieira: “A cultura, criação humana resultante da resolução da contradição principal do homem, aquela existente entre ele e a natureza. (...) A cultura como produto do processo produtivo” (Op.cit., 119).

⁵ De acordo com Paulo Freire (1967, 39), “para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida”.

Semelhante ao proposto por Guilford⁶, Paulo Freire entende que criar e recriar são condições humana e têm influência da capacidade inteligência. Os homens e mulheres agindo através da expressão do pensar divergente, investem sua ação escolhendo a melhor resposta - que não é negação das demais respostas -. Testam sua aplicabilidade. Agem com consciência diante do desafio. Decidem. No entanto, Paulo Freire adentra, além dos condicionantes da inteligência humana, noutros que estão alicerçados no interior das relações que homens e mulheres desenvolvem.

Pluralidade, como uma das cinco conotações da esfera humana, permite-nos refletir sobre a relação entre criatividade e privilégios, criatividade e cidadania. Diferenciando o que é da natureza do que produz como cultura, o ser humano interage nas relações no e com o mundo. A inteligência apresenta-se no campo dos elementos da natureza, enquanto que os desafios que homens e mulheres captam da sua realidade, as idéias que formulam, as expressões da sua produção inteligente, estão na esfera cultural. A ação criativa, nesta perspectiva, denota uma historicidade pelas quais homens e mulheres são protagonistas.

Não há privilégio em criatividade. Contudo, sob o olhar da diversidade cultural e de histórias de homens e mulheres, sob a maneira como se posicionam em suas relações, a ação criativa pode sofrer opressão, inibição. Na negação ou opressão da **Pluralidade** humana a ação criativa tende a ser inibida, provocando sectarização que massifica desapropriando homens e mulheres de sua ‘vocação ontológica de ser mais’, de ser coletivamente mais. Para Freire (1967), o ser humano na condição de “sectário nada cria porque não ama. Não respeita a opção dos outros. Pretende a todos impor a sua, que não é opção, mas fanatismo. Daí a inclinação do sectário ao ativismo, que é ação sem vigilância da reflexão” (op.cit., 51).

A ação criativa, em sintonia com a perspectiva educacional libertadora, diferentemente da sectarização, tem delimitada sua amplitude na expressão mais profunda do que Paulo Freire chamou de ‘radicalização’⁷. Se expressa na medida em que homens e mulheres assumem-se política e criticamente, centrados no reconhecimento que fazem como sujeitos revolucionários no exercício de sua cidadania.

Como homens e mulheres radicais vivem os seus tempos, não apenas estando neles, mas com eles. **Transcendem** como sujeitos revolucionários, conscientes de sua finitude terrena, ao mesmo tempo em que se reconhecem através de sua condição de estar sendo, e de sendo estar. Percebem-se em seu ‘inacabamento’ espiritual, que para Freire (1967) expressa a

⁶ GUILFORD, J. P.. **The structure of intellect**. Psychological Bulletin, 1956, **53**,276-293.

⁷ “A radicalização, que implica no enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela” (FREIRE, 1967, 50).

ligação entre o plano humano e o religioso, “cuja plenitude se acha na ligação com o Criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação” (op.cit., 40).

Daí pode-se especular sobre o motivo pelo qual Paulo Freire comumente associa a ação de criar à de recriar. A ação criativa/recriativa guardam íntima relação com a existência humana de quem cria/recria. Cria-se, criando, na medida em que transitam conscientemente pela sua historicidade e cultura. A ação criativa/recriativa decorre da presença daqueles(as) que estão no e com o mundo. **Transcendem**, transcendendo, legitimados pelo reconhecimento social de suas ações.

Por conseguinte, o agir criativo/recriativo exige movimento, autenticidade e ação radical de todos e todas que se posicionam criativamente frente aos desafios que captam da realidade percebida. As relações construídas, entre homens e mulheres que estando no mundo se fazem com ele, são relações que não se esgotam na passividade dos sectários. São relações forçosamente em movimento traduzindo a amorosidade entre sujeitos em libertação. Não há privilégios entre os homens e mulheres que, em **transcendência**, comungam suas experiências criando/recriando soluções aos desafios que captam de sua realidade. Não se massificam como sectários, diferentemente agem como protagonistas, não se ajustam aos desafios, mas os confrontam, críticos e sensíveis às diversidades de seu tempo. Assim vai escrever Freire (1967, 43):

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas.

A capacidade criadora, definida por Paulo Freire, encontra-se diretamente associada ao significado que os homens e mulheres atribuem a sua integração ao mundo. E isso denota a compreensão de que sua radicalidade decorre de seu reconhecimento como sujeitos enraizados, autênticos e amorosamente críticos. A **críticidade**⁸, como conotação que explica a condição humana de estar no e com o mundo e com outros homens e mulheres, expressa a

⁸ **Críticidade** para Freire (1967, 61) “implica na apropriação crescente pelo homem de sua posição no contexto. Implica na sua inserção, na sua integração, na representação objetiva da realidade”.

posição contrária à acomodação e ajustamento há um tempo unidimensional e a uma cultura da qual não se fazem protagonistas. **Criticidade** é, assim, instância fundamental a ação criativa. Não há expressão de criatividade quando há exploração, negação de uns/umas sobre outros(as). Agir criativamente exige integração, autenticidade nas ações. Opõe-se a qualquer forma de opressão ou ação desumanizadora que ‘coisificam’ e ‘domesticam’ o ser humano. Por isso, afirma Freire (1967, 44):

salienta-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época.

A importância da captação destes temas extraídos da realidade histórica e cultural está na delimitação enquanto sujeito ou objeto; enquanto ação humanizadora ou desumanizadora; enquanto sujeito radical ou indivíduo sectário. Demanda **conseqüência** tanto sob atitudes orientadas por ideologias conservadoras, de dominação e opressão, antidemocráticas, como atitudes de integração cujas relações humanas são construídas a partir do reconhecimento que homens e mulheres fazem quanto aos valores, aspirações, inquietações que captam dos desafios de sua época e cultura. De um lado, a atitude descrita transcorre sob influência de uma consciência que transita alienada e alienante entre homens e mulheres que se apresentam “incapazes de projetos autônomos de vida, buscam nos transplantes inadequados a solução para os problemas do seu contexto” (FREIRE, 1967, 53). Neste caso, as relações entre os homens, emergindo como estruturas de controle e dominação, transformam as ações humanas em puro ativismo assistencial. Conseqüentemente as relações tomadas pela imposição à força de uns sobre outros convergem na direção da exaltação de privilégios, rupturas na cidadania. O processo criativo tende a ser inibido e aceito como mito ou fantasia proveniente do imaginário que uns fazem dos privilégios de outros.

De outro lado, as **conseqüências** transitam sob a consciência crítica elaborada a partir dos desafios. Em reflexão homens e mulheres envolvem-se numa busca permanente de ser mais, transformando os desafios que captam em ‘quefazereres’ autênticos, na busca de ser mais coletivamente. Para Freire (1987, 52) “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Este processo que se faz ao fazer em comunhão, de modo incisivo, nos adverte quanto ao contexto da educação que se faz ao fazer libertação. Coloca-nos diante da vocação humana de ser, sendo e de estar, estando como sujeitos de relação em libertação.

A ação criativa, como **conseqüência** das relações humana, expressa atitude revolucionária de todos e todas que ousam, amorosa e criticamente, reconhecer-se em

libertação. De tal forma que, para Freire (op.cit., 52):

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engaja na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua ‘convivência’ com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita ao nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis.

Por conseguinte, a ação criativa é **conseqüência** do ‘engajamento’ que homens e mulheres optam, negando ‘pseudoparticipações’ nas ações que decide. Engajamento, este, que se faz captando os desafios e agindo através da práxis libertadora. Neste sentido, criatividade não finda em si mesma como operação da inteligência humana. Mas a **transcende** pelo reconhecimento que homens e mulheres elaboram acerca da diversidade histórica e cultural de cada um e uma; a **transcende** na medida em que se posicionam dialeticamente através da ‘ação-reflexão-nova ação’.

Sob a conotação de **temporalidade**, o agir criativo pode ser explicado a partir do contexto situacional em que homens e mulheres agem. Diferente dos outros animais, o homem vive um tempo multidimensional. Produzem cultura ao existir num tempo que se faz passado, presente e futuro. Atribuem significado aos desafios captados de suas realidades, refletindo sobre e a partir delas de maneira a estabelecerem sua autonomia e autenticidade na ação criativa.

Criatividade explicada sob a perspectiva expressa por Paulo Freire, superando os conceitos constituídos historicamente, cada um em seu próprio tempo, incrementa significados outros que vão além das iniciativas que a relacionaram como ‘dom’, loucura, bruxaria ou, noutra dimensão, como conseqüência da inteligência. Para Paulo Freire, criatividade estar associada ao processo de emancipação democrática dos homens e mulheres que se reconhecem como ser de relações. Por conseguinte, a ação criativa toma corpo na medida em que as relações humanas sejam orientadas pelo engajamento amoroso, autêntico de cada um e uma. A ação criativa expressa, em si, argumentos da **pluralidade**, da **transcendência**, da **criticidade**, da **conseqüência** e da **temporalidade** das relações humanas, entre sujeitos em libertação.

Criatividade e educação, assim postas, orientadas sob o olhar de Paulo Freire, nos colocam diante da inquietação de que não será qualquer expressão de criatividade que irá converter a ação humana em práxis emancipatória. Antes se torna fundamental esclarecer o contexto da educação em que a ação criativa tomará expressão.

Criatividade como um dos constitutivos da educação popular

Este tópico que poderia ser chamado de considerações finais toma, aqui, outro formato, na medida em que se pretende exaltar a sua condição temporal frente ao conjunto de uma obra que se faz fazendo. Torna-se ousadia por se compreender em seu inacabamento. Desta maneira, criatividade em educação popular, tema-proposta para esta reflexão, ganha espaço argumentativo quando localizado no interior da produção aqui desenvolvida. Interage a partir da reflexão orientada pelo pensamento freireano sobre criar e recriar, indicando a esfera em que o conceito construído (ver p. 3) pode ou não expressar aproximação com o constitutivo criatividade em educação popular.

Para tanto, o conceito construído fora subdividido (sem perder sua dimensão de totalidade) em partes que expressam um conjunto de conteúdos significativos à reflexão sobre criatividade, como um dos elementos que constituem educação popular.

Tomando as idéias de Paulo Freire como expressão da educação popular e criatividade, que respalda a práxis educativa como meio de intervenção política de homens e mulheres em relação, assume-se a perspectiva orientadora da superação dos conceitos que delimitam criatividade como capacidade inerente da inteligência humana, e, sem negar a relevância do pensamento divergente na ação criativa, apropria-se como elementos fundamentais ao criar/recria e descobrir as vocações humanas de amorosidade, de ser mais, de diálogo.

Criatividade, assim, implica em ação inteligente individual, pela sua condição natural, no entanto, encontra-se, engajada num contexto histórico e cultural com o qual homens e mulheres interagem. Contexto em que os sujeitos captam os elementos para sua produção. Neste sentido, o conceito construído possibilita fazer uma inferência na direção do reconhecimento da educação popular como **um fenômeno de produção e apropriação dos produtos culturais, expresso por um sistema aberto de ensino e aprendizagem**⁹. Tal como Paulo Freire, entender educação popular, associando-a a produção e apropriação dos produtos culturais, indica abertura nas relações entre os sujeitos com o mundo e com outros sujeitos; indica cultura como consequência da produção humana, ao mesmo tempo em que afirma o reconhecimento de que produzir cultura exige, dos homens e mulheres, conhecimento e cidadania para tornar a produção uma ação de ‘criação ou recriação’ centrada no que Paulo Freire definiu como ‘vocação ontológica do homem’, a busca de ser mais em comunhão.

⁹ O emprego do negrito como destaque foi opção utilizada para identificar parte do conceito de educação popular com o propósito didático de análise.

Implica em autonomia e consciência crítica, comprometida com o social para decidir a partir dos desafios que capam de suas realidades.

A educação popular, assim, é **constituída de uma teoria de conhecimento referenciada na realidade, com metodologias incentivadoras à participação e ao empoderamento das pessoas** como sujeitos(as) coletivo. Como tal, o agir criativo deve responder aos princípios de uma teoria de conhecimento que explique o humano na sua condição humanizadora, frente aos aspectos de sua realidade. O **empoderamento**, neste sentido, deve ser compreendido sob a demanda política de pessoas que interagindo entre si, tomam consciência de que sua libertação encontra-se diretamente associada à libertação dos demais.

A educação, orientada por esta perspectiva teórica, torna-se popular na medida em que tem delimitado seu campo de intervenção numa ação que não se divorcia de sua dimensão filosófica em defesa do humano em processo de humanização. Portanto, uma ação que se faz em reflexiva, resultando numa nova ação, cuja sua expressão esteja fundamentada pelos argumentos da práxis libertadora. Como educação popular, o agir criativo é expressão de homens e mulheres que se encontram protagonistas de suas decisões. De homens e mulheres que têm clareza de que suas ações iniciam com relações que elaboram e retornam sob a condição de respostas aos desafios que captou.

Por conseguinte, demanda **conteúdos e técnicas de avaliação processual** recorrentes às conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade, com as quais os sujeitos e sujeitas engajam-se produzindo cultura. Aprendem a tomar decisões mediante relações que constituem em seu universo comunicativo, dialogando com outros homens e mulheres, assim como dialogando com o mundo, com sua realidade. Os conteúdos, assim entendidos, são dotados de significado e geradores de novos conteúdos. A avaliação, em sua condição processual, responde, qualitativamente, aos desafios captados, os quais, para Paulo Freire, consagram-se sob a condição de ‘situações limites’ mediadas pelo ‘inédito viável’ de cada um e uma.

Conteúdo e técnica de avaliação, quando articulados à criatividade como um dos constitutivos da educação popular, expressam maneiras de agir sob orientação do pensar divergente, amoroso, dialógico, conscientemente crítico. Encontram-se, o pensar e o agir criativo de homens e mulheres, protagonistas de seu tempo, **permeados de uma base política e cultural estimuladora das transformações sociais e, orientada por anseios humanos de liberdade, justiça, igualdade e felicidade**. Diferentemente, demandaria numa educação que não se deve traduzir como popular.

Por fim, entendendo a educação popular a partir do conceito analisado, pode-se deduzir que há uma relação implícita em seus conteúdos, os quais apontam o agir criativo na direção da práxis libertadora. Conseqüentemente, para que criatividade seja explicada sob a condição de constituinte da educação popular, há de se pensá-la sob os aspectos que a condicionam a esta particularidade de se pensar educação, tais como sua aproximação com o contexto multicultural que permeiam as relações humanas; criatividade implica na capacidade humana de inteligência para pensar e tomar decisões, a partir da dinamicidade posta ao agir dialético frente à diversidade dos desafios captados.

Agir criativamente implica num ato de amor ao homem, à mulher e ao mundo. A criação e recriação, produtos da cultura e da criação humana, expressam em si, como afirma Álvaro Vieira Pinto (1969, 122) “duas faces de um só e mesmo processo, que passa de principalmente orgânico na primeira fase a principalmente social na segunda, sem contudo em qualquer momento deixarem de estar presentes os dois aspectos e de se condicionarem reciprocamente”. Guardam estreita relação com a condição em que homens e mulheres se posicionam no e com o mundo.

Há de se pensar, criatividade, sob a complexidade que constitui o universo das relações humanas, sem, no entanto, afastar-se do humano no processo de humanização da humanidade.

Referências

- ALENCAR, Eunice M. L. S. de e VIRGULIM, M. R. Ângela (Organizadoras). **Criatividade: expressão e desenvolvimento**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GARDNER, Howard. **Mentes que criam: uma anatomia da criatividade observada através das vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandhi**. Trad. Por Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PINTO, Álvaro V.. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Série Rumo da Cultura Moderna; vol. 20. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- WECHSLER, S.M.. **Criatividade: descobrindo e encorajando**. Campinas/SP: Editorial Psy, 1993.